

POR ACASO A FÉ PODE SALVAR? UMA REFLEXÃO SOBRE FÉ E OBRAS PARA O CONTEXTO TEOLÓGICO ATUAL, A PARTIR DA CARTA DE TIAGO

Julio Cesar Bendinelli\*

**Resumo:** Não é segredo nos tempos que correm o sem número de opções de "fé" em muitos ambientes cristãos, que buscam legitimar os valores de um mundo secularizado e cada vez mais dualista, hedonista e esotérico, recorrendo a práticas supersticiosas e a crença no poder de palavras ditas com pretensa autoridade (confissão positiva). De outro lado, a aceitação relativamente pacífica de comportamentos sociais eticamente reprováveis por parte de cristãos pretensamente "espirituais" e "fervorosos" em seu ambiente eclesial cresce cada dia mais. O campo da fé parece estar completamente desvinculado da vida cotidiana. Por isso, a partir da Carta de Tiago, o autor aborda no artigo a necessidade de coerência entre *fides quae* e *fides qua* e de um genuíno processo de conversão que possibilite ao discípulo de Jesus viver realmente em novidade de vida, sendo capaz de produzir, pela graça, as obras da fé para sua santificação e salvação.

**Palavras-chave:** Fé. Obras da fé. *Fides quae*. *Fides qua*. Confissão positiva.

**Abstract:** It is not a secret that in a time when a number a options of "faith" is available in the many Christian environments, in that so these try to legitimate the values of the secularized world even more dualist, hedonist and esoteric, appealing to superstitious practices and the belief in the power of the words that are said with a assumed 'authority" (positive confession). On the other hand, a relatively peaceful acceptation of social behaviors ethically disapproved by part of the Christians supposedly "spirituals" e faithful in their ecclesial realm increase day by day. The faith field appears to be completely disassociated of day life. Accordingly, using The Letter of James, the author in this article approaches the necessity of coherence in the *fides quae* and *fides qua* and of a genuine process of conversion that might make it possible to the disciple of Christ to live truthfully in the new life, becoming capable to produce, by grace, the works of faith towards sanctification and salvation.

**Keywords:** Faith. Work of Faith. *Fides quae*. *Fides qua*. Positive Confession.

## Introdução

Antes de mais nada, gostaria de propor uma leitura atenta da perícopa "paulina" da carta de Tiago<sup>1</sup>:

---

\* Pós-graduado em Comércio Exterior (UFES), aspirante ao Diaconato Permanente na Igreja Católica Apostólica Romana, Teólogo formado no Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória (FTAV), Professor de Sagrada Escritura nas

14 Qual é o proveito, meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Por acaso a fé pode salvá-lo? 15 Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e carecidos do alimento diário, 16 e algum de vós lhes disser: "Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos" mas não lhes derdes o necessário para o corpo, qual é o proveito? 17 Assim também a fé, se não tiver as obras, está morta em si mesma. 18 Mas em objeção alguém dirá: "Tu tens a fé e eu tenho as obras". Mostra-me a tua fé sem as obras e eu te mostrarei pelas minhas obras a minha fé. 19 Tu crês que Deus é um? Fazes bem! Os demônios também crêem e tremem. 20 Desejas convencer-te, ó homem vão, de que a fé sem as obras é inerte? 21 Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras ao oferecer o seu filho Isaque sobre o altar? 22 Vês como a fé cooperava com as obras dele e pelas obras a fé foi aperfeiçoada. 23 E foi cumprida a Escritura que diz: e Abraão teve fé em Deus e isto lhe foi creditado como justiça e foi chamado amigo de Deus. 24 Estais vendo que o homem é justificado pelas obras e não pela fé somente. 25 E de modo semelhante também Raab, a prostituta, não foi justificada pelas obras ao hospedar os mensageiros e fazê-los partir por outro caminho? 26 Portanto, assim como o corpo sem espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta<sup>2</sup>.

À primeira vista, parece desconcertante que o caminho de compreensão para a justificação seja posto por Tiago<sup>3</sup> nos seguintes moldes: do mesmo modo que as obras cooperam com a fé para que a fé possa chegar à perfeição (v. 22), ambas em colaboração mútua são a fonte de justificação dos

---

Paróquias São Francisco de Assis e Sagrada Família e Mestrando em Teologia Prática pela Escola Superior de Teologia (EST-RS).

<sup>1</sup> Tg 2, 14-26. Esta perícopé é chamada "paulina" porque Tiago retoma aí as expressões mais específicas da teologia de Paulo: fé, obras, justificação pela fé, justificação pelas obras e salvação. Entretanto, faz isso exatamente para confrontá-las e afirmar a unidade salvífica entre fé e obras. Este dado em particular geraria durante a Reforma Protestante acesas polémicas, pois Lutero era incapaz de ler a parênese a não ser como um desafio ao seu slogan da salvação *sola fide* (Rm 3,28) ou como uma frontal antítese de Rm 4.

<sup>2</sup> Tradução própria de Tg 2, 14-26, a partir de THE GREEK New Testament. Grego. 3. ed. Stuttgart: Württemberg Bible Society, 1975.

<sup>3</sup> Considero a Epístola de Tiago como um documento escrito pouco antes de 62 d. C, após a difusão da carta aos Romanos, concordando com a obra clássica de MUSSNER, F. **Der Jakobusbrief**, Freiburg: Herder, 1964, como também SCHLATTER, SCHNEIDER e DAVIDS, apud VOUGA, p.19.

crentes. Sendo assim, nem somente obras e, *in verbis*, nem somente a fé (v. 24) podem justificar o homem.

Diante desta afirmação, muitos estão a se perguntar: mas Paulo não havia escrito aos Romanos<sup>4</sup> que somos justificados pela fé, e não pelas obras da lei? Tiago então contradiz o ensinamento de Paulo?

Antes de mais nada, Tiago está se referindo às obras que se seguem à justificação e são fruto dela, ao passo que Paulo, neste caso, alude às "obras da lei". Mas esta não é a única categoria de "obras" que Paulo menciona em suas cartas. Não podemos nos esquecer que o Apóstolo dos gentios ensina que, uma vez recebida a justificação pela graça, a fé deve ser manifestada pela caridade<sup>5</sup> mediante as "obras da fé".<sup>6</sup>

Por isso mesmo, não se deve concluir açodadamente que Tg 2,24 e Rm 3,28 sejam mutuamente excludentes. Muito pelo contrário: ambos - Tiago e Paulo - mencionam uma mesma verdade: a necessidade de uma fé viva, que não é o cumprimento puramente ritual de nenhuma obra da lei/Torá (criticada na linguagem paulina) e muito menos uma passividade de uma fé meramente confessional (criticada na linguagem de Tiago).

Em comum também o fato de que ambos mencionam a fé viva e atuante nas obras motivadas pelo amor ao próximo sem acepção de pessoas,<sup>7</sup> a fé que opera na caridade<sup>8</sup> em favor de todos.

Ao escrever para os cristãos dispersos no mundo pagão greco-romano<sup>9</sup>, o que Tiago busca é criticar abertamente a religiosidade helenística do século I que pregava, em linhas gerais, uma fé baseada na piedade pessoal, deixando as questões éticas, sociais e econômicas para o mundo profano.<sup>10</sup>

Tiago se opõe a este conceito helenístico, condena uma religião simulada que substitui a prática pela teoria e ensina que Deus não está aí somente para ser contemplado, mas para ser obedecido em sua vontade pela práxis coerente do crente:

---

<sup>4</sup> Escrita provavelmente em Corinto, em 57-58 d. C, ao final da terceira viagem de Paulo.

<sup>5</sup> 1 Cor 13,2.

<sup>6</sup> 1 Ts 1,3; 2 Ts 1,11.

<sup>7</sup> Tg 2, 1-13.

<sup>8</sup> Gl 5,6.

<sup>9</sup> Tg 1,1.

<sup>10</sup> Neste mesmo sentido, leiam, por exemplo, as advertências de Paulo aos Coríntios em I Cor 1-4; 8-11; 13-14.

a fé não é uma forma de legitimar, usufruir e se conformar aos valores injustos e interesseiros postos pela sociedade, mas sim de testemunhar e combater os poderes e os fascínios do mundo.<sup>11</sup>

### **1- "Et-Et" Católico, "Aut-Aut" Protestante**

Neste ponto, é importante trazer à luz uma interessante questão sobre as abordagens católica e protestante sobre fé e obras. Parafraseando o Aquinate, muito frequentemente nos perdemos não pelas palavras que usamos, mas sim pelo conteúdo que elas expressam. Posta esta premissa, proponho então o seguinte texto de Victorio Subilia:<sup>12</sup>

O catolicismo tem o sentido da história, caminha sobre ela, sabe adaptar-se e sobreviver. Enquanto é vocação específica do protestantismo contestar a história [...]. O catolicismo se transforma, salvando sua identidade; tem a capacidade de assimilar culturas [...]. Pelo contrário, o cristão de tradição protestante não pode dizer "et-et", isto é, "isto e aquilo": aceitar o Evangelho e ao mesmo tempo outras realidades, outros valores. O fiel, como o conceberam os Reformados, é chamado ao "aut-aut", "ou-ou": ou Cristo ou o mundo, ou a Escritura ou as filosofias, ou a fé ou a religião.

Cristo não veio para sacralizar a história e seus valores, mas para quebrá-la em duas. A partir de Jesus existe oposição entre o pensar "segundo a carne" e o pensar "segundo o espírito": neste sentido, a fé não é um humanismo cômodo, mas um anti-humanismo por excelência. Todo "humanismo cristão", para um protestante, significa recair em uma visão humana, não aceitar o ponto de vista da fé. [...] Outro tema no qual se vê o "aut-aut" protestante é a relação entre fé e razão. O protestante rejeita toda a apologética, a não ser que provenha da "evidência" que, sob o influxo do Espírito, faça o leitor da Escritura "sentir" com certeza que ali está a verdade. É a rejeição da razão, que Lutero chamou de

---

<sup>11</sup> Tg 4, 1-10.

<sup>12</sup> Professor de teologia durante 26 anos na Faculdade Valdense de Teologia de Roma, observador nas quatro sessões do Concílio Vaticano II em nome da Aliança Reformada Mundial apud CAMBÓN, H. **Fazendo ecumenismo**. São Paulo: ed. Cidade Nova, 1994, p.174.

'prostituta do diabo'. Para o católico, ao contrário, a faculdade racional da pessoa é um dom de Deus que deve ser utilizado: não certamente para reduzir o mistério da fé a uma espécie de teorema evidente para todos, não para fazer parecer racional o desafio do Evangelho. O católico não se sente obrigado a escolher entre fé e razão. Considera mais complexo o ato de fé, obra comum de Deus e do ser humano – seguindo a lógica da encarnação.

Isso nos faz compreender muito mais claramente a afirmação do grande teólogo protestante Karl Barth:<sup>13</sup>

O que separa católicos e protestantes é um "e": quando nós dizemos Bíblia, os católicos dizem Bíblia e Tradição; quando nós dizemos Jesus, eles dizem Jesus e Maria; quando nós dizemos fé, eles dizem fé e obras [...]. Todo problema está em saber em que medida poderemos nos colocar de acordo sobre o significado que convém dar à pequenina palavra "e".

Ao considerar este dado histórico e, pelo visto, "ontológico", registramos que não há a pretensão neste artigo de contrapor a leitura do axioma católico justificação/salvação por fé e obras ao clássico mote justificação/salvação por "sola fide" protestante (fé ou obras).

Também não faz parte desta proposta abordar se o conceito de justificação deve ser compreendido no sentido forense protestante de *declarar* o homem justo ou no sentido católico de *tornar* o homem justo diante de Deus (pelo batismo).

Importa antes saber que para ambos - protestantes e católicos - a premissa da santificação (entendida principalmente como a produção de boas obras como frutos da fé) deve de uma forma ou de outra estar necessariamente presente no contexto da salvação de todo crente.<sup>14</sup>

Além do mais, como católicos e protestantes atribuem pesos diferentes a esta questão,<sup>15</sup> preferimos recorrer ao

---

<sup>13</sup> CAMBON, H. op. cit., p. 97.

<sup>14</sup> Para os protestantes a santificação segue o ato de justificação e para os católicos a justificação comporta a santificação, a remissão dos pecados e a renovação do homem interior (DENZINGER, n. 1528).

<sup>15</sup> Lutero e Calvino tomavam a justificação pela fé como "*articulus stantis et cadentis ecclesiae*", ao passo que os católicos a inserem na "*regula fidei*"

conceito de *justificação pela graça*, pois nada do que a precede, seja a fé ou sejam as obras, merece a graça da justificação, pois "se é por graça, não é pelas obras; de outro modo, a graça não é graça."<sup>16</sup> É, portanto, a graça do Espírito Santo que tem o poder de nos justificar.<sup>17</sup>

Afirma o Catecismo<sup>18</sup> da Igreja Católica:

E a primeira obra da graça do Espírito Santo é a *conversão* que opera a justificação segundo o anúncio de Jesus no princípio do evangelho: "Arrependei-vos (convertei-vos), porque está próximo o Reino dos Céus" (Mt 4,17). Sob a moção da graça, o homem se volta para Deus e se aparta do pecado, acolhendo, assim, o perdão e a justiça do alto. A justificação comporta a remissão dos pecados, a santificação e a renovação do homem anterior.

Neste sentido, paralelamente à fé, lançamos mão dos conceitos capitais de conversão e graça e de seus respectivos papéis na salvação do homem. Se as boas obras são fruto da graça que provem do dom do Espírito o qual nos justifica e nos santifica, em alguma medida elas também são fruto da *cooperatio* do homem, que pode tanto aderir à vontade de Deus e cooperar com ela como pode rejeitá-la.<sup>19</sup>

E reconhecer este fato nada tem a ver com o velho pelagianismo, que hipervalorizava as capacidades humanas, simplesmente porque a graça não anula ou retira a liberdade do ser humano, uma vez que a livre iniciativa de Deus requer a livre resposta do homem. Se o mérito pertence à graça de Deus em primeiro lugar, deve ser atribuído também à colaboração do homem em segundo lugar.

Faz parte inclusive do entendimento teológico católico-romano que "cabe a Deus o mérito humano".<sup>20</sup> As boas obras,

---

<sup>16</sup> Rm 11,6. DENZINGER, n. 1532.

<sup>17</sup> Catechismus Catholicae Ecclesiae (CCE) n. 1.987.

<sup>18</sup> CCE 1.989.

<sup>19</sup>Sobre estas outras questões, ver a **Declaração conjunta sobre a doutrina da Justificação** entre católicos e luteranos da Federação Luterana Mundial. São Paulo: Paulinas, 1999. Alguns avanços podem ser verificados no documento, muito embora sigamos sem consenso em questões fundamentais como a idéia do homem *simul iustus et peccator* ou *zugleich gerechter und sündler* (inaceitável para os católicos), o papel dos méritos humanos em relação aos méritos de Cristo (*cooperatio*), possibilidade e meios de recuperação da graça perdida (sacramento da penitência), etc.

<sup>20</sup> CCE 2.025.

isto é, as obras da fé feitas pelo homem devem, portanto, ser atribuídas à Deus primeiramente.

Deste modo elas em nada diminuem a obra redentora única e a exclusiva mediação salvífica de Jesus Cristo, bem ao contrário, revelam-se como sendo uma consequência desta, pois "a caridade de Cristo em nós constitui a fonte de todos os nossos méritos diante de Deus".<sup>21</sup> Além do mais, não se pode esquecer que as obras encerram uma promessa de recompensa na eternidade feita pelo próprio Senhor,<sup>22</sup> de acordo com o critério da operosidade da fé, concretizada no compromisso com o Reino de Deus e no testemunho pessoal por palavras e ações.

## 2- Sola Fide?

Antes de retomar a nossa discussão, é importante dizer que temos consciência de que situar o papel da fé no processo da salvação não é uma questão simples entre os cristãos. O "aut-aut" protestante vai sempre encontrar pela frente o "et-et" católico e vice-versa.

E mais: um grande problema neste campo é que a Escritura desautoriza literalmente a fórmula "sola fide": *Estais vendo que o homem é justificado pelas obras, ou seja, e não somente pela fé.*<sup>23</sup>

Não só isso: se Paulo, ao falar da necessidade da fé, coloca-se contra as obras da lei/Torá<sup>24</sup> - sobretudo porque estas pareciam conter sempre um caráter de exterioridade que não permitia revelar efetivamente as opções fundamentais do indivíduo - é igualmente válido que o Apóstolo jamais subestimou o papel das boas obras realizadas a partir da novidade de vida do cristão.

Sendo assim, devemos ter bem claro diante de nós que ser salvo significa viver em Cristo não realizando as obras da lei, mas orientados ontologicamente pela lei do Espírito.<sup>25</sup> Aliás, um importante comentário sobre a "lei do Espírito" pode ser encontrado na TEB - Tradução Ecumênica da Bíblia:<sup>26</sup>

---

<sup>21</sup> CCE 2.011.

<sup>22</sup> Mt 5, 31ss.

<sup>23</sup> Tg 2,24.

<sup>24</sup> Sobre a quais obras (da lei) Paulo se refere, basta ler a **Carta aos Gálatas**.

<sup>25</sup> Rm 8, 1-2.

<sup>26</sup> Nota explicativa de Rm 8,2 da TEB, uma versão da Escritura realizada a partir dos textos originais hebraico e grego, feita em conjunto por ampla equipe de estudiosos de diversas confissões cristãs e do judaísmo.

*“Renovado e transformado pelo Espírito de Deus dado por Jesus, o fiel pode obedecer à vontade de Deus, que não é mais para ele um constrangimento exterior, mas a lei interior da vida nova”.*

Para fundamentar sua afirmação, os comentadores da TEB explicam que tal expressão é como que um resumo de Jr 31,33 e de Ez 36,27:

Eis, pois, a aliança que firmarei com a casa de Israel depois desses dias – oráculo do Senhor -: eu colocarei minha lei no seu íntimo e a escreverei em seu coração: eu me tornarei Deus para eles, eles se tornarão um povo para mim (Jr 31,33)”. “Infundirei em vós o meu Espírito e vos farei caminhar segundo as minhas leis, guardar e praticar os meus preceitos (Ez 36,27).

Por isso, rejeitando o *sola fide*, os católicos buscam resguardar a premissa de que a graça não exclui a ação do homem<sup>27</sup> nem descarta a obediência da fé,<sup>28</sup> além do que procuram afastar a possibilidade de se acreditar que possa existir uma fé meramente intelectual, um tipo de fé diferente da salvífica que não seja formada no amor/caridade e que não implique em qualquer comprometimento ético. Em uma palavra, buscam preservar o fato de que a fé, se autêntica, deve cooperar com as obras.

Nesta perspectiva, o sentido do cânone 9<sup>29</sup> do decreto *cum hoc tempore* do Concílio de Trento é: se alguém disser que o pecador é justificado pelo assentimento intelectual apenas... *anatema sit*, haja vista que em todos os documentos católicos do período, a crítica é feita ao termo fé significando um consentimento meramente intelectual aos conteúdos da revelação.

É doloroso reconhecer e constatar que esta possibilidade reducionista de fé alertada já pelos anátemas de Trento, infelizmente, nos tempos que correm, parece ter se firmado em significativos meios ditos cristãos em franca expansão.

---

<sup>27</sup> Fl 2,12ss.

<sup>28</sup> Rm 1,5.

<sup>29</sup> O cânon 9 diz: “Se alguém disser que o pecador é justificado pela fé somente, entendendo que nada mais é requerido para cooperar com a obtenção da graça da justificação; e que de nenhum modo é necessário que se prepare ou se disponha com a ação de sua vontade, seja excomungado”.



Deste modo não se nega no catolicismo a fórmula "salvação pela fé" (que é usada, entre outros, pelo próprio São Tomás de Aquino), mas se recusa sim a expressão "salvação pela fé **somente**".

Por outro lado, não custa lembrar que o slogan protestante "*sola fide*" nasceu em um contexto de vergonhosos abusos do valor dado às obras em si mesmas, nas práticas religiosas católicas do século XVI.

Não obstante, em que pesem as diferenças, a práxis cristã de católicos e protestantes não é substancialmente distinta: faz parte da boa teologia de ambos declarar que todo cristão autenticamente convertido mediante a fé deve ser capaz de produzir, pela graça, as obras da fé para sua santificação. Sendo assim, a desvinculação da *fides quae* da *fides qua*<sup>30</sup> é inaceitável em ambas as tradições.

Segue-se daí o fato de que o que acontece hoje no cenário cristão de corte neopentecostal é alarmante, tanto para católicos como para os protestantes históricos. É trágica a idéia de que o cristianismo possa ser reduzido ao anúncio de um evangelho teórico, objeto de discussão entre "mestres"<sup>31</sup> ou pior ainda, a uma forma de *confissão positiva*<sup>32</sup> para se prosperar materialmente a todo custo ("teologia da

---

<sup>30</sup> *Fides quae creditur* (ou simplesmente *fides quae*), refere-se à fé objetiva em que se crê, à doutrina (compreensão, ato da inteligência), diferente da *fides qua creditur* (*fides qua*), ou seja, a fé subjetiva com a qual se crê (adesão de coração àquilo em que se crê, ato da vontade). Ambas devem co-existir para que se fale em uma fé verdadeira, plena e salvífica.

<sup>31</sup> Tg 3,1.

<sup>32</sup> No meio religioso, esta prática da "confissão positiva" corresponde à crença de que os cristãos detêm o poder - que teria sido prometido nas escrituras e conquistado pela descida de Jesus aos infernos - de trazer à existência para o bem ou para o mal tudo aquilo que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca, em voz alta. O livro *Há poder em suas palavras* de Don GOSSET, da Editora VIDA, tornou-se um best-seller entre os evangélicos na década de 90 do século passado com uma mensagem simples: palavras ditas com fé têm o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual (que determina o que acontece no mundo material) é regido pela palavra (por isso Gn 1 diz que Deus criou o mundo com sua palavra...). Em suma, segundo o autor, as palavras ditas com fé compelem Deus a agir. Eis o exemplo de um trecho de uma palestra do deputado e Pastor da Igreja Universal do Reino de Deus Paulo de Velasco em 07.06.1993, referindo-se a Mt 17, 20, citada por MARIANO, p.153: *Estava pregando a um grupo de pastores e perguntei: Você crê que a fé remove montanhas? 90% do pessoal respondeu sim (...) Vou decepcioná-los. A fé não remove montanhas. Sabe o que o que remove montanhas? A sua palavra, a sua palavra de ordem dada com fé. O Senhor Jesus disse exatamente isso: 'Se alguém disser a esse monte (...)'. Mas se alguém **disser**, portanto é a palavra com fé, a ordem dada às coisas. Quando você crê nisso, toma posse desta verdade, o milagre começa a acontecer na sua vida*. A publicação em 2007 do livro *O Segredo* (The Secret), de Rhonda Byrne, menciona uma dita "lei da atração", um substituto para a "confissão positiva" para ser usado em ambiente secular.

prosperidade”), numa fé vista a partir de uma perspectiva unicamente fiducial e interesseira, no estilo *do ut des*.

Eis um emblemático comentário de um Pastor batista sobre a fé oriunda de movimentos que pregam a teologia da prosperidade:

Há poucos meses, ocorreu em Brasília um congresso que mostrava princípios para enriquecer. Um dos temas foi ‘Como se apossar das riquezas dos incrédulos’ (...) A teologia da prosperidade quer tirar a cruz do crente (...). Não se trata de masoquismo espiritual. Isto é uma lei da vida. No mundo há sofrimentos (...). A teologia da prosperidade é alienante, parcial, injusta e elitista. A idéia de que riquezas pessoais são resultado de nossa espiritualidade agrada muito bem a quem tem bens.<sup>33</sup>

Também é interessante notar como Tiago (judeu de origem, convertido ao cristianismo) não nos dá em seu escrito qualquer definição do que seja fé. A fé judaica, como se sabe, acentua fortemente a obediência à Torá e a santificação que provém da prática da Lei.

Por isso nosso autor vai além: para ele, fé é algo dinâmico (v. 22), e, portanto uma fé confessional ou de cumprimento exterior de preceitos é incompleta. A plenitude da fé é alcançada pelas obras de amor e de obediência a Deus por meio da confiança,<sup>34</sup> das obras de amor/caridade,<sup>35</sup> do afastamento do pecado,<sup>36</sup> do amor à paz<sup>37</sup> e da submissão à vontade de Deus.<sup>38</sup>

Se os cristãos ouvem as Escrituras e nelas encontram bons exemplos, é para que possam se deixar guiar por eles. Toda sua existência deve ser orientada desta forma para Deus.

Nem a fé é uma crença mágica e infantil em sentenças e nem as obras são sacrifícios (sobretudo financeiros) ou coisa que o valha. O cristianismo não existe de fato quando crenças corretas ou declarações de fé são incapazes de gerar comportamentos morais, éticos e sociais coerentes verificáveis nas escolhas cotidianas do crente. O grande sacrifício do

---

<sup>33</sup> COELHO, I. G., 1993 *apud* MARIANO, op. cit. p. 158.

<sup>34</sup> Tg 1, 6-8.

<sup>35</sup> Tg 1, 21-27; 2, 14-26.

<sup>36</sup> Tg 1, 27b.

<sup>37</sup> Tg 3,18.

<sup>38</sup> Tg 4, 13-15.

cristão que busca agradar a Deus é a obediência à vontade do Pai conhecida de modo inequívoco através da vida e do Evangelho de Jesus de Nazaré: fazer o bem e repartir com os outros.<sup>39</sup> O supremo valor de cada ação nossa – como o foi de modo insuperável no agir do próprio Cristo – é o amor que motiva, anima e enche de entusiasmo a nova vida do crente, um amor que “ama até o fim.”<sup>40</sup>

Sendo assim, não parece mais pertinente nos dias atuais estruturar a questão da salvação ainda nos velhos termos de “fé” ou “obras”. A fé não pode ser constituída em oposição às ações. Ambas devem estar unidas, integradas, como integrados são o corpo e a alma do homem. A assistência permanente da graça de Deus conta com a resposta humana para produzir frutos da fé. Quanto mais o homem pratica as virtudes, mais forte será sua fé e quanto mais forte sua fé, mais virtuosa será sua vida. Preciosas neste sentido são as seguintes palavras do autor da segunda carta de Pedro:<sup>41</sup>

O seu poder divino nos concedeu tudo que contribui para a vida e a piedade, fazendo-nos conhecer aquele que nos chamou pela sua glória e virtude. Por isso mesmo esforçai-vos o quanto possível para unir à fé vossa virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o domínio próprio, ao domínio próprio a perseverança, a perseverança à piedade, à piedade o amor fraterno, ao amor fraterno a caridade. Porque se estas qualidades estiverem em vós e crescerem, não vos deixarão vazios nem estereis no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque quem não possui estas coisas é cego, vendo só o que está perto, tendo-se esquecido de que foi purificado de seus pecados de outrora.

### **3- O vínculo soteriológico entre fé e obras**

Na perícopé escolhida, Tiago recorre a exemplos da Escritura para demonstrar como Abraão e Raab foram detentores de uma fé viva, fruto de sua fidelidade, lealdade, obediência e principalmente amor a Deus. Era uma fé que operava na caridade/amor.

---

<sup>39</sup> Hb 13,16.

<sup>40</sup> Jo 13,1.

<sup>41</sup> II Pe 1, 3.5-8.

Sob este prisma é que os católicos dirão que não bastam somente as obras para a salvação, tampouco somente a fé. Permanece atual no catolicismo o ensino dogmático do Concílio de Trento, que depois de ter afirmado a justificação pela fé e o primado da graça, ratificou a necessária cooperação do homem na sua salvação.

Mas a este propósito, já afirmava São Paulo aos Gálatas:<sup>42</sup> "Pois em Cristo Jesus nem circuncisão nem incircuncisão valem alguma coisa, mas a fé agindo por meio da caridade." Dirá aos Tessalonicenses:<sup>43</sup> "Damos sempre graças a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações, recordando continuamente da operosidade de vossa fé, do esforço de vosso amor e da perseverança de vossa esperança em Nosso Senhor Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai". E aos Filipenses:<sup>44</sup> "Trabalhai com temor e tremor a vossa salvação. Pois é Deus quem opera em vós o querer e o agir, segundo sua boa vontade." Paulo sabe que a fé é uma confiança trêmula e vigilante. A cada instante Deus está operando em nós a nossa salvação, por isso devemos tomar consciência disto e cooperar em sua obra.

E não seria possível definir de modo mais sublime, pois uma fé assim será sempre viva, uma vez que a fé que age na caridade nunca poderá ser reduzida a um consentimento intelectual ou a repetição de fórmulas ou palavras mágicas. É isto que se busca garantir com a clássica definição *fides formata*, a fé ativa na produção de boas obras, em contraposição à *fides informis*.<sup>45</sup>

Em que pesem as razões históricas para a clássica definição protestante *justificatio sola fide*, se tivesse sido possível à época um entendimento entre os cristãos sobre a fórmula alternativa *justificatio sola fide formata*, provavelmente seria menor o risco de interpretações extremadas, tão freqüentes em nossos dias, da justificação *sola fide* (mal) compreendida como mera adesão intelectual de proposições e repetições de fórmulas ou idéias.

Ter somente fé sem amor/caridade, que apenas possibilite considerar algo como verdade não justifica, e se não justifica não salva. A fé em sentido bíblico pleno inclui conversão, esperança e amor e jamais é isolada: abrange

---

<sup>42</sup> Gl 5,6.

<sup>43</sup> I Ts 1,3.

<sup>44</sup> Fp 2, 12-13.

<sup>45</sup> Tipo de fé descrito, por exemplo, em Tg 2,19.

obras que desviam o crente do pecado e o (re) direcionam para Deus e para o próximo.

É certo que fé compreende a fé “pensada”, como definiu Santo Agostinho: *fide si non cogitatur nulla est*.<sup>46</sup> Porém, nunca pode se resumir a ela. É preciso superá-la em direção ao saber/entendimento, rompendo com a dicotomia iluminista entre crer e saber ou entre fé e razão, e não sucumbir ao atual modelo de *revival* religioso fideísta que busca implacavelmente o lado emocional da fé em movimentos que não raramente descambam para o irracionalismo fanático.

A fé completa, perfeita e salvífica inclui necessariamente o vínculo indivisível entre *fides quae* (as verdades da fé) e *fides qua* (a adesão subjetiva ao crer, o *actus credenti*). São dois aspectos inseparáveis, pois o assentimento à fé que creio é dado somente por meio da inteligência e da vontade. E a vontade é minha resposta pessoal ao que aderi pela fé: é ela quem dirige meus atos e me move nas escolhas, nos riscos e nas decisões por boas obras que, no entanto, não são oriundas da obrigação ou da “glória pessoal”, mas unicamente do amor (I Cor 13,13).

Somente se repletas do amor que se derrama em boas obras – e não simplesmente em palavras, enunciados ou emoções – a fé realmente será capaz de produzir a salvação. É esta a forma pela qual a autocomunicação de Deus chega no Espírito até os homens, que na resposta do ato livre da fé, consentem, por meio da graça, em compartilhar a comunhão que existe entre o Pai e o Filho.<sup>47</sup>

## Conclusão

Tenhamos presente diante de nós que toda ética do Novo Testamento se baseia na resposta da humanidade à obra salvífica de Deus em Cristo.<sup>48</sup> As obras não são “acrescentadas” à fé, mas toda fé – se viva e genuína – as inclui. Fé que não passa de crenças ou de expectativas criadas a partir de declarações verbais “milagrosas” de fórmulas bíblicas, mas que não é capaz de afetar o *modus vivendi*, orientando as opções do indivíduo, não é uma fé salvífica. Se

---

<sup>46</sup> AGOSTINHO DE HIPONA, *De praedestinatione sanctorum 2, 5* apud JOÃO PAULO II in Carta Encíclica *Fides et Ratio*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 106.

<sup>47</sup> STAGLIANÒ, A. *Il mistero del Dio vivente*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1996. p.615.

<sup>48</sup> Neste sentido, ler MATERA, F.J. *Ética do novo testamento*. São Paulo: Paulus, 1999.

somos salvos pela graça, mediante a fé, devemos caminhar pela caridade nas boas obras para a nossa santificação e salvação.

*Afinal de contas... a fé sem obras é morta.*

### **Referências**

BÍBLIA. Português. **A Bíblia TEB**. São Paulo: Loyola, 1995.

CAMBÓN, E. **Fazendo ecumenismo:** uma exigência evangélica e uma urgência histórica. São Paulo: Cidade Nova, 1994.

CATECISMO da Igreja Católica (CCE). São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO de Trento. **Sessão 6:** decretos e cânones sobre a Justificação. Trento, 1564. Disponível em: <<http://www.multimedios.org/docs/d000436/index.html>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

DECLARAÇÃO conjunta sobre a doutrina da justificação: declaração conjunta católica romana e federação luterana mundial, recomendada aos membros das duas Igrejas. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DENZINGER. Compêndio de Símbolos, definições e declarações de fé e mora. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Loyola, 2007

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides et Ratio:** sobre as relações entre fé e razão. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

MARIANO, R. **Neopentecostais:** sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MATERA, F.J. **Ética do novo testamento:** os legados de Jesus e de Paulo. São Paulo: Paulus, 1999.

STAGLIANÒ, A. **Il mistero del Dio vivente.** Bologna: Dehoniane, 1996.

THE GREEK New Testament. Grego. 3. ed. Stuttgart: Württemberg Bible Society, 1975.

VOUGA, F. **A carta de Tiago.** São Paulo: Loyola, 1996.